Escolher escrever é rejeitar o silêncio: um ensaio sobre a apropriação linguística do colonizador como forma de denúncia

52 - GÊNERO E SEXUALIDADE EM FOCO: INTERSECCIONALIDADE E DESAFIOS DE POPULAÇÕES MARGINALIZADAS E ESTIGMATIZADAS /

Raíssa Gabriella Wasem Cardoso [1]

RESUMO

Esta pesquisa deriva da proposta de dissertação de mestrado denominada "*Escolher escrever é rejeitar o silêncio*: um estudo sociológico da literatura de Buchi Emecheta" e tem como intuito investigar como os ex-colonizados se apropriam da representação de si mesmos e a língua do colonizador como formas de denúncia e resistência. A partir de uma perspectiva pós-colonial, examina-se como os sujeitos colonizados reconstroem suas identidades e narrativas ao adotarem a língua do opressor. Esse processo de apropriação linguística serve tanto para subverter a hegemonia cultural quanto para criar um espaço de contestação e afirmação da própria humanidade. Exemplos literários e históricos de diversas regiões pós-coloniais mostram como escritores e ativistas usam a língua do colonizador para expor as injustiças do colonialismo e rearticular suas culturas e identidades. Assim, a apropriação da linguagem do colonizador pelos colonizados é vista como um ato complexo e ambíguo de resistência, desafiando e reconfigurando as relações de poder que oprimem essa parte minoritária. Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo compreender como a autora nigeriana Buchi Emecheta faz uso da língua do colonizador para denunciar as opressões que a mulher nigeriana migrante

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociolofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, raissagabriellawc@hotmail.com;

sofre na Inglaterra após o final da era colonial dentro de seus romances Cidadã de Segunda Classe, No fundo do Poço e As Alegrias da Maternidade.

Palavras-chave: língua e linguagem; literatura nigeriana; narrativas coloniais; pós-colonialismo.

INTRODUÇÃO

O colonialismo europeu, que durou mais de quatro séculos, deixou marcas profundas nos territórios africanos. Após a independência, países como a Nigéria enfrentaram dificuldades em consolidar-se como nações, dado que as fronteiras coloniais desconsideraram as divisões étnico-culturais locais.

A língua foi uma das principais ferramentas de dominação colonial, pois molda a percepção de mundo. Ngũgĩ wa Thiong'o afirma que a imposição do idioma estrangeiro promoveu uma subjugação espiritual, apagando culturas nativas. Banu (2019) reforça que o inglês foi implantado como meio de dominação intelectual, sendo a língua da escola, do governo e do saber autorizado. O conhecimento passou a ser mediado por livros escritos em inglês, frequentemente silenciosos sobre a história e cultura africanas. Com isso, o idioma do colonizador foi internalizado como superior, perpetuando a exclusão dos saberes locais.

Essa relação entre língua, poder e dominação é central para a crítica pós-colonial. Edward Said, citado por Loomba (1998), destaca que o conhecimento está profundamente implicado nas estruturas de poder. Posto isso, o escritor Achebe defende o uso do inglês de forma transformada, afirmando: "esta língua me foi dada e eu pretendo usá-la [...] mas terá que ser um novo inglês [...] alterado para se adequar ao seu novo ambiente africano" (1997). Banu (2019) aponta que escrever em línguas nativas é politicamente potente, mas restringe o alcance da obra.

Brown (2022) observa que essa apropriação ocorre por meio da "africanização" do inglês: empréstimos linguísticos, uso de metáforas nativas, tradução de provérbios e alternância de códigos. Desse modo, mesmo utilizando a língua do colonizador, autores africanos criam espaços discursivos de resistência, reinscrevendo sua experiência e saberes.

Assim, a literatura se torna espaço de resistência. Escritores como Buchi Emecheta usam o inglês como ferramenta de denúncia e reescrita da história, moldando-o a partir de experiências africanas. Como afirma Emecheta: "talvez haja alguma verdade no que dizem, que uma caneta é mais poderosa que uma espada" (1981, p. 121). Desta forma, este trabalho analisa como a autora subverte a língua do colonizador para afirmar sua identidade e criticar os efeitos da colonização sobre mulheres africanas na diáspora.

O artigo analisa três obras de Buchi Emecheta: *As Alegrias da Maternidade* (2017), *Cidadã de Segunda Classe* (2018) e *No Fundo do Poço* (2019). *Cidadã de Segunda Classe* conta a história de Adah, uma mulher Igbo que migra para a Inglaterra nos anos 1960, enfrentando desafios para conquistar sua autonomia. *No Fundo do Poço* continua a trajetória de Adah em Londres, destacando sua luta contra discriminação racial, de gênero e dificuldades econômicas. Já *As Alegrias da Maternidade* foca em Nnu Ego, também Igbo, e aborda sua vida em Lagos durante o período colonial, mostrando o conflito entre valores tradicionais e mudanças sociais.

METODOLOGIA

Antes de tudo, ao trabalhar com autores distantes de nossa realidade, é essencial adotar ferramentas que evitem anacronismos e a reprodução de preconceitos arraigados. Compreender perspectivas externas exige sensibilidade e rigor analítico. Neste estudo,

opta-se pela Análise Crítica do Discurso (ACD), por permitir a compreensão mais aprofundada da forma que a língua é utilizada em obras literárias.

Tal abordagem é fundamental em uma análise sociológica, pois permite pensar a literatura como instrumento de registro histórico, denúncia e resistência das experiências subalternizadas. Mais do que reflexo da realidade, a literatura pode revelar injustiças, amplificar vozes oprimidas e confrontar estruturas de poder. Como afirma Angela Davis (2017, p. 166), "a arte é especial por sua capacidade de influenciar tanto sentimentos como conhecimento".

Ao tratar de temas como raça, classe, gênero e colonialismo, a literatura torna-se espaço de contestação e reconstrução identitária. Ashcroft et al. (2002) destacam que ela registra experiências dos povos colonizados, funcionando como resistência cultural e questionamento das narrativas hegemônicas.

Nesse contexto, Bakhtin (2000, p. 362) defende o vínculo da literatura com a história da cultura, pois ela só pode ser compreendida em seu tempo e contexto. Para ele (2019, p. 19), os sentidos se aprofundam no contato com o outro, num diálogo entre culturas que revela novas camadas de significado e enriquece a compreensão mútua.

SUBVERSÃO LINGUÍSTICA

Conforme mencionado, Achebe defende uma subversão linguística em que autores africanos usam o inglês para alcançar novos públicos. Emecheta, autora deste artigo, aplica essas estratégias em seus romances, incorporando elementos culturais e linguísticos nativos no inglês, conferindo autenticidade à narrativa. Esta seção aborda essas marcas linguísticas.

Em Cidadã de Segunda Classe, Emecheta utiliza metáforas para aprofundar a compreensão dos personagens. Segundo Brown (2022), essas figuras destacam o estado

mental e habilidades cognitivas. Por exemplo, a metáfora "Her mouth started to water like that of a starving dog" usa expressão inglesa para mostrar a fome da personagem. Outra, "tide boy over", referencia o dote nigeriano, conectando cultura local e leitores de língua inglesa. Também há eufemismos, como em "As soon as her husband touches her, she gets a swollen tummy", que sugere fertilidade, e o uso do termo "Ma" para mãe, comum na Nigéria. Em No Fundo do Poço, já no início, aparece "juju", termo de magia popular africana.

Em As Alegrias da Maternidade (2017), Emecheta africaniza palavras inglesas que entram no vocabulário local, transformando "wrapper" em "lappa", "America" em "Emelika", "sir" em "sah" e "leave" em "lifu". No trecho "wearing a loose house buba and a faded lappa to match…", nota-se "buba", palavra iorubá para uma blusa.

Diversas expressões e estratégias de africanização permeiam os três romances, e aqui foram citadas apenas algumas para exemplificar a habilidade linguística da autora. Assim, Emecheta usa a língua do colonizador sem perder as características culturais da Nigéria, aproximando-se de um público mais amplo e sendo reconhecida como precursora da literatura africana, especialmente nigeriana.

A DENÚNCIA

Nas subseções a seguir, analiso as representações da realidade nas narrativas de Buchi Emecheta, que expõe de forma clara as dificuldades e adversidades enfrentadas pelos ex-colonizados, revelando as consequências duradouras do colonialismo.

Cidadã de Segunda Classe

Em *Cidadã de Segunda Classe*, a protagonista Adah percebe, desde o início, a frieza e o preconceito da sociedade britânica. Londres, capital do ex-colonizador, branca, falocêntrica e capitalista, julga segundo gênero, classe social e raça (Sidiki,

2018). Adah enfrenta discriminações por ser negra, mesmo tendo alta escolaridade e cargo público na Nigéria. Como aponta Cardoso (2022), moradias e empregos muitas vezes são negados a pessoas negras, refletindo o racismo estrutural. A fala do marido de Adah reforça essa segregação: "Somos todos negros... e as únicas acomodações que a gente consegue arrumar são horrores" (EMECHETA, 2019, p.57).

A personagem é despejada e rejeitada diversas vezes ao buscar moradia, recebendo a negativa explícita: "Desculpem, pessoas de cor não serão aceitas" (p.104). Para tentar driblar essa exclusão, Adah disfarça seu sotaque e nacionalidade, ilustrando a pressão para ocultar a identidade negra e escapar da marginalização. Essa estratégia reflete a crítica da autora à hipocrisia do preconceito racial, consequência da colonialidade que promove a superioridade branca e inferioridade racial.

Adah internaliza essa opressão, passando a aceitar acomodações inferiores e desconfiar do que é "para os brancos" (p.104). Ela evita roupas das seções normais, optando por artigos defeituosos, revelando a absorção do discurso social que a define como inferior, embora não acredite totalmente nisso. Após o nascimento do terceiro filho, Adah sente-se isolada e desumanizada no hospital, imaginando o julgamento dos outros por sua cor e situação (p.172). O medo constante de agressões a afasta até das poucas gentilezas que recebe, tornando seu convívio social difícil (p.177).

No Fundo do Poço

Em *No Fundo do Poço*, Adah está viúva e luta para criar cinco filhos em condições precárias. No Residencial Pussy Cat, enfrenta hostilidade de vizinhos, como o Sr. Pequeno, que inicia uma conversa mencionando sua cor para subalternizá-la e afirmar uma hierarquia racial: "Uma pessoa negra precisa sempre ter um lugar, uma pessoa branca já tinha um de nascença" (p.33). Os vizinhos expressam ressentimento e

estereótipos, sem dar oportunidade para que Adah explique sua história e educação: frequentou escolas coloniais na Nigéria e trabalhou no serviço público:

> Para que explicar a eles que no seu país ela frequentara uma escola colonial com padrão que se igualava às melhores escolas para meninas em Londres? Para que dizer a eles que ela não era analfabeta como pensavam e que mesmo no país deles trabalhava no Serviço Público? Ela os observou, sentiu-se um pouco enjoada e depois entrou em casa, batendo a porta atrás de si com um forte estrondo. (Emecheta, 2019, p. 36)

A administradora do residencial, Carol, reforça as diferenças culturais e normas londrinas, criticando os costumes africanos, como deixar os filhos sozinhos (p.45). Carol ajuda Adah, mas também a faz conformar-se com sua situação de desemprego e falta de futuro, ilustrando a resignação e desamparo de muitos ex-colonizados na Inglaterra. A narrativa revela o ciclo de marginalização, abandono e desesperança, mostrando o impacto destrutivo do colonialismo e das políticas migratórias que perpetuam a desigualdade e desumanização.

As Alegrias da Maternidade

Em *As Alegrias da Maternidade*, a colonização inglesa ainda vigora na Nigéria. A história acompanha Nnu Ego, que sofre para engravidar e é devolvida ao pai após o primeiro casamento fracassado. Criada em uma família tradicional, Nnu Ego aceita o papel social imposto à mulher: submissão, trabalho doméstico e filhos, preferencialmente homens. Enviada a Lagos após o segundo casamento, ela enfrenta o choque cultural da imposição do casamento católico, uma norma dos colonizadores britânicos, que não aceitavam criados que seguissem tradições tribais.

O marido, Nnaife, demonstra aceitação resignada da subalternidade, como quando o patrão britânico o chama de “babuíno” (p.37-38). Apesar da ofensa, Nnaife minimiza o termo, refletindo a internalização do domínio colonial. Culturalmente, os homens nigerianos prezam a hombridade, o que torna essa aceitação uma alienação difícil de

entender para a comunidade local, indicando o profundo impacto do colonialismo sobre a identidade e autoestima dos colonizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, o presente artigo teve como principal preocupação discutir como a escritora nigeriana Buchi Emecheta utiliza a língua inglesa para denunciar as opressões e consequências do colonialismo britânico. Para tal, foram analisadas três obras da autora: Cidadã de Segunda Classe, No fundo do Poço e As Alegrias da Maternidade. Como teoria principal foi considerado as percepções pós-coloniais bem como a teoria de linguagem/língua abordada por Chinua Achebe, que defende o uso da língua do ex-colonizador de forma africanizada pelo ex-colonizado.

Através da conexão entre o aporte teórico e as narrativas dos romances analisados, observou-se que Emecheta não apenas denuncia as opressões e discriminações que as pessoas negras enfrentaram nas mãos dos colonizadores, mas também desmantela as ideologias opressivas que sustentavam esses sistemas de poder. A autora constrói personagens que, apesar de estarem imersos em contextos de subalternização e discriminação, permanecem conscientes de suas condições e preservam sua cultura nativa.

Além disso, Emecheta expõe como essas dinâmicas de poder afetam a vida cotidiana dos personagens, revelando a complexidade das interações entre o legado colonial e as identidades individuais e coletivas. Seus romances não só oferecem uma visão crítica das práticas coloniais, mas também destacam a resiliência e a luta contínua dos ex-colonizados para afirmar sua dignidade, autonomia e humanidade.

Emecheta escreve seus livros com um tom de denúncia, utilizando a língua do colonizador, mas sempre integrando características culturais e vocabulário das línguas nativas africanas nas quais ela era fluente. Através de sua arte e legado, a autora

enfrenta as ideias coloniais e convoca outros indivíduos para essa luta, expondo o impacto nocivo e danoso do processo colonial em diversas camadas, tanto para os nativos em países africanos quanto para aqueles que migraram para países europeus.

Achebe propôs a africanização dessas línguas – um processo que também foi realizado no Brasil com a abrasileiração do português – como uma forma de integrar léxicos e características culturais dos países colonizados. Emecheta concretiza essa proposta ao inserir elementos culturais africanos em sua escrita em inglês, mostrando que é possível e necessário adaptar a língua do colonizador para refletir a experiência e a cultura dos ex-colonizados.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. **English and the African Writer**. Transition,, The Anniversary Issue: Selections from Transition, n. 75/76 1961-1976, p. 342-349, 1997. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/2935429 Acesso em 18 jul 2024

ASHCROFT, Bill. GRIFFITHS, Gareth. TIFFIN, Helen (Orgs.) *T***he empire writes back: theory and practice in post-colonial literatures.** Oxfordshire: Taylor & Francis Group e-Library, 2004.

BROWN, Magdelene H. S. Patchainayagi. **Resistance Through Language Appropriation to Create a Reality for Oneself in the Postcolonial Nigeria**. Theory and Practice in Language Studies, v. 12, n. 3, p. 610-616, mar. 2022. Dísponível em: https://tpls.academypublication.com/index.php/tpls/article/view/2547 Acesso em: 18 jul 2024

BANU, Jainab Tabassum. **Power Shifts in the English Language in Postcolonial African Poetry**. Crossings v. , 10p. 17-24, 2019. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-presence-africaine-1981-4-page-82.htm&wt.src=pdf Acesso em: 18 jul 2024

CARDOSO, Raíssa G. W. **Cidadã de Segunda Classe: as percepções de uma nigeriana analisadas pelo viés do pós-colonialismo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2021.

EMECHETA, Buchi. **As Alegrias da Maternidade**. Tradução Heloísa Jahn. Porto Alegre, São Paulo: Dublinense, 2019.

EMECHETA, Buchi**. Cidadã de segunda classe**. Tradução Heloísa Jahn. Porto Alegre, São Paulo: Dublinense, 2019.

EMECHETA, Buchi. **No Fundo do Poço**. Tradução Julia Dantas. Porto Alegre, São Paulo: Dublinense, 2019.

EMECHETA, Buchi. **That first novel**. Kunapipi, 3(2), p.115-23, 1981. Disponível em: https://ro.uow.edu.au/kunapipi/vol3/iss2/12. Acesso em 30 jul 2024. 1981.

EMECHETA, Buchi. **The Joys of Motherhood**. G. Braziller: New York, 1993.

GORDIMER, N. **New introduction**. 2003 In: MEMMI, A. The colonizer and the colonized. London: Earthscan Publications.

LOOMBA, Ania. **Colonialism/Postocolonialism**. Nova Iorque: Routledge, 2014.

THIONG'O, Ngugi. **Decolonising the mind: the politics of language in African literature**. New Hampshire: Heinemann Educational Books Ink, 1986.

SARTRE, Jeal-Paul. **Introduction by Jean-Paul Sartre**. Introdução. In: MEMMI, Albert. The Colonizer an the Colonized. Beacon Press, 1965.

SIDIKI, Coulibaly Aboubacar; ABOUBACRINE, Maiga Abida. **Racial and gender implications in African female literature**: an Afrocentric feminist reading of Emecheta's Second class citizen. International Journal of English Literature and Social Sciences 3(6), p.966-73. 2018. Disponível em: https://dx.doi.org/10.22161/ijels.3.6.7 Acesso em 20 jul 2024.